

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Dissemos que o estado do Brasil pede que á frente da Administração appareça hum Pessoa Imperial; e bem que estejamos persuadido, á vista dos Artigos da Constituição 117, 122, e 126, que a Regencia do Imperio de direito pertence á Senhora Princeza Imperial, logo que complete os 18 annos; com tudo razões ha para que julguemos mais conveniente, que S. M. o Imperador seja declarado Maior, e tome conta do Governo. Alguns dos fundamentos de nossa opinião são tirados das qualidades de S. M. I.; e outras do estado actual do Paiz. Bem como S. A. I., S. M. o I. alem das virtudes que o illustrão, manifesta tanta reflexão em suas acções, tem o seo espirito tão cultivado, e possue já tanta instrucção, que sufficientemente se acha habilitado para exercer as funcções de hum Imperador Constitucional. O caracter porem de permanencia na Administração, caracter que as circumstancias do paiz tanto reclamão, só lhe pode ser dado, pela presença de S. M. I. no supremo lugar de Chefe do Estado, e não por S. A. I., que só por limitado tempo poderia occupar esse alto posto.

Que as circumstancias do Paiz reclamão que na Administração se imprima hum caracter de permanencia,

e que este fim não se pode conseguir em quanto mãos *profanas* tiverem as redeas do Governo, he cousa por todos sabida; pois que todos conhecem que hum partido Republicano entre nós tem procurado estabelecer o seo imperio. O que porem muitos ignorão he que o racionamento desse Partido em gravissimo perigo veio collocar as Instituições Monarchicas!

Em quanto unidos os homens que formavão esse partido, os amantes da Monarchia Constitucional repellião suas intrigas, seos tramas, e suas alliciações; mas depois que esse partido se fraccionou, e que hum dos grupos, delle nascido, tomou a mascara da monarchia, para melhor lhe minar os fundamentos, então vimos honrados Monarchistas cahirem no laço, e concorrerem para a destruição d'isso mesmo que querião sustentar. Assim temos visto esse grupo, que procura estabelecer a Republica Aristocratica, tero appoio dos Monarchistas, que illudidos deixão engrandecer esse terrivel inimigo da ventura da Patria, e dos direitos da Imperial Familia, para só debellarem o grupo Republicano Democratico, de que não ha tanto a receiar, por isso mesmo que professa publicamente doutrinas, que a maioria dos Brasileiros regeita: assim temos visto esse grupo

obter por voto dos mesmos Monarchistas toda a força, todo o arbitrio, todos os meios convenientes, finalmente todo o poder dictatorial necessario, para radical-se e engrandecer-se: assim temos visto e veremos esse grupo, affectando amar a Imperial Familia, regeitar toda a ideia de chamal-a ao Governo, e perseguir o Monarchista, que perspicaz não se deixa pilhar em suas redes, e procura mostrar que a salvação da Monarchia depende de ja o já o Governo ser entregue a S. M. o I.: assim temos visto e veremos esse grupo procurar por todos os meios, sem poupar mesmo os da mais requintada prevaricação, fazer abortar todas as esperanças de que as necessidades, e votos da Nação sejam attendidos pela Assembleia Geral, e colloque no governo a S. M. I.

Se pois esses dois grupos de Republicanos, se disputão o poder e pretendem estabelecer suas doutrinas: se o grupo Republicano Aristocratico tomando a mascara da Monarchia ameaça a existencia desta, e a põe em tanto maior perigo, quanto arteiro e caviloso, são os meios, com que procura afastar do Governo a Familia Imperial, e nelle manter-se para nos 4 annos, que faltão para a maioria de S. M. I.; adquirir as forças de que ainda carece, que se deverá fazer? Collocar já á frente d'administração hum pessoa Imperial, que sirva de centro aos Monarchistas.

Só assim os esforços destes produzirão o salutar effeito de destruir os perfidos manejos do Republicanismo, e deixarão de cahir no engano de, á titulo de combater as doutrinas do grupo Democratico, concorrerem para o engrandecimento do grupo Republicano Aristocratico, que tão arteiro caminha a passos de gigante. A população ainda não se acha infectada de suas perniciosas doutrinas: a população regeita taes ideias: aproveito-se esta disposição popular; ponha se á frente do

Governo S. M. o I., e a Monarchia será salva.

Já temos feito ver quanto offensiva he ás importantes Provincias do Sul da União Brasileira a composição do actual Gabinete, e quanto impolitico he alimentar as loucas pretensões, que nutrem os Nortistas, de dominar o Sul, e de sujeita-lo aos dictames de suas vontades, e ás desconcertadas operações de seus escandecidos cerebros; procuremos agora justificar a indignação, que essas pretensões dos fatuos Nortistas tem produzido nos Sulistas, que hum Administracão toda parcial reduz a escravos daquelles, e particularmente dos presumidos comedores de moqueças, e ratapás.

Em todos os tempos, e em todos os povos as pretensões de dominio de hum classe sobre todas as outras classes de Cidadãos, de hum Cidade ou Provincia sobre todas as outras Cidades ou Provincias de hum Estado, tem produzido os resultados mais fataes á prosperidade, e tranquillidade dos povos. Assim virão os seculos passados essa Athenas, que pretendia regular os destinos da Grecia, revoltar contra si os Estados co-irmãos, e ser por elles reduzida á abjecção em que ella pretendia mantel-os. Esparta que lhe succedeo nos mesmos projectos, experimentou a mesma sorte.

Quantos exemplos não nos offerece em prova desta verdade esse Povo, cuja memoria será indelevel, em quanto existirem homens, o Povo Romano? As pretensões dos seus Nobres fazião continuamente do Forum hum campo de batalha; e as pretensões de Roma produzirão a mais destruidora das guerras, que esse Povo teve de sustentar, a guerra social.

Se os factos pois mostrão, que tal tem sido sempre o resultado das pretensões de dominio de hum classe, ou de hum Cidade, ou Provincia so-

bre as outras classes do habitantes, ou sobre as outras Cidades ou Pro-
vincias de hum Estado, como não
será justa a indignação das Provincias
do Sul do Brasil, vendo-se dominados,
e aviltados pelas do Norte? Se nos
exemplos que citamos, essa indignação
tem sido julgada fundamentada, apesar
de Athenas e Roma serem os centros
das riquezas, das artes, e das sciencias;
como, entre nós, essa indignação será
reprehensivel, quando o centro da
riqueza, o focco da illustração, o Sul
do Brasil, he o que geme opprimido,
e afrontado pelo indigente, e balofa-
mente illustrado Nortismo?

Mas, dirá alguem, onde, onde está
essa afronta, essa oppressão que o Sul
experimenta? Nos li'o vamos dizer.

N'um Estado, como o Brasil, com-
posto de Provincias, cujos interesses
reciprocamente tão difficeis são de serem
combinados, he da maior importancia,
que na sua Administração Geral haja
quem represente os interesses das di-
versas Provincias. Esta necessidade
que não se faz sentir tão fortemente,
quando o chefe da Administração he
o Chefe hereditario do Estado, punge
atrozmente quando esse lugar he oc-
cupado por hum chefe temporario.
Desprezar-se pois o sentimento que,
nos Brasileiros do Sul, produz o co-
nhecimento dessa necessidade, não, he
afrontal os. Não se opprime o Sul do
Brasil, sugerindo-o a hum Adminis-
tração, onde nenhum de seus filhos he
admittido, para que possa advogar os
interesses desta mais importante parte
do Imperio, e oppor-se a que elles
sejam sacrificados aos interesses das
estranheiras Provincias do Norte?

Já fizemos ver que a hum tal
organisação Ministerial he que se devia
a parcialidade com que os cargos Pu-
blicos no Sul do Brasil são repartidos
pelos Nortistas, ao mesmo tempo que
os Sulistas no Norte tratados como
cães dominados; já fizemos ver que a

hum tal organisação Ministerial he que
se deve serem os Empregos no Rio
de Janeiro, se são pingues, só para
Bahianos, ao mesmo tempo que o
Fluminense na Bahia he denominado
maroto do Rio; e para convencer os
incredulos, em outro n. mostraremos
de quantas outras maneiras o Sul
he sacrificado aos interesses, orgulho,
e ignorancia da gente do Norte.

No enquanto, fazemos preces á Di-
vina Providencia, por que esclareça
esses energumenos, que para se locu-
pletarem, sacrificão a mais considera-
vel parte do Imperio, á mais insigni-
ficante, e acende por este meio hum
tão poderoso facho de discórdia!..

Sr. Editor. Em a sua folha n.º 12
vem incerta hum correspondencia
minha, em que eu perguntava aos
Redactores da Liga-Americana com
quem pretendião elles fazer *liga*; se
deixariamos de ligarmos com os Eu-
rópeos, de quem descendiamos, para
nos ligarmos com os negros, com os
Botocudos, ou com as fezes da po-
pulação? Em hum só linha de minha
correspondencia emprestei hum só
epitheto afrontoso aos Redactores da
Liga, porque, posto que os não co-
nheça, vejo pelos seus escriptos, que
são Brasileiros conspicuos, instruidos,
e eminentemente patriotas, e por tanto
pessoas dignas do respeito, e da con-
sideração de seus patricios. Porque
pois não tendo eu ferido neve-leve-
mente a pessoa, ou pessoas do Redactor
ou Redactores da Liga, havia de me-
recer ao seu collaborador João Fer-
nandes o epitheto de *comissario de*
Piratinim, atrevido, filho degenerado,
vilão ruim, insolente, perfido, traicociro,
inimigo dos Brasileiros, desprezível &?
He com a Logica do insulto, que quer
o Sr. João Fernandes raciocinar com
o *Americus*? Conhece por acaso o Sr.
João Fernandes o autor daquella cor-

respondecia?... Sabe, ou presume quem seja o *Americus*? Si sabe, ou presume quem seja, convirá, que elle não he hum *despresivel*!... Pois eu, ainda que saiba, ou presuma quem seja o Sr. *João Fernandes*, não quero seguir a sua argumentação; o insulto não convence á ninguem, elle só serve para azedar o animo, e ferir o amor proprio do contrario. Os que se derem a pena de nos acompanhar em nossa polemica, julgarão si sou Brasileiro, cujo coração palpita ou não por esta Patria, por quem tem talvez feito maiores e mais prestantes serviços em épocas, em que o Sr. *João Fernandes* nem pensava no que viria á ser neste mundo; julgarão si sou hum *filho de-generado*, e hum *despresivel*, por não ter a paciencia de suportar a ironia do Sr. *João Fernandes*, que se quer unir com *negros, cobras*, e não sei mais que, para fazer hum patria (para si) venturoza!!... Metta a mão na sua consciencia, e eu fico pela resposta....

Vamos á correspondencia do Sr. *João Fernandes*. Quando eu discutir sobre a materia da minha, e da correspondencia do Sr. *João Fernandes*, irei buscar tantos, quantos factos me parecerem convenientes para provar as minhas assersões, assim nas antigas ordens e projectos do Governo antes da Independencia, no reinado de Pedro I, na conducta do governo, que succedeo á abdicação, no do corpo Legislativo, na de algumas Assembleas e governos provinciaes; como tambem na conducta dos particulares á cerca dos individuos, com quem diz o Sr. *João Fernandes* que se quer ligar. (Que mentira!!)

Sr. *Edictor*!—o Sr. *João Fernandes* bem entendeo a minha ironia á cerca da *Liga*; elle bem conheceo o que eu quiz dizer e a razão porque; elle sabe mui bem que sou Brasileiro, e que não sou *desprezivel*; mas, penetrando bem o espirito da minha correspondencia, jul-

gou melhor, para me fazer calar, insultarme, e fazer-me recuar, affectando não dar-me importancia. Pois caminhou mal: » se elle disse li a correspondencia inserta na *Ortiga* n. 12 assignada por *Americus*, e julgo que este escripto pode produzir máo effeito, se os homens de côr o entenderem, porque seria nada menos, que dizer-lhes que elles não tem patria, e não he bom dividir os Brasileiros, despertando nelles resentimentos passados: melhor seria que seo author (que não he *Francez*, nem *Lazaroni*) se he homem de côr, se servisse de sua instrucção para ajudar seus compatriotas á debellar os inimigos do paiz, unindo-se em hum só todo: que he verdade que os homens de côr tem sido desprezados no paiz, mas que sendo isso hum injustiça intolleravel, os seus patricios, abraçando-os como irmãos, que são, os convidão para se unirem em hum só vontade, em hum só pensar, á fim de fazer ver aos habitantes do velho mundo que os Brasileiros, reunidos em torno de seo adorado Imperador, não temem nem *Francezes*, nem *Inglezes*, nem quem quer que sejam. » Mas que faz o Sr. *João Fernandes*, insulta-me, e conta-me humas poucas de historias, que eu ainda não sabia! Pois ha de ouvir tambem muitas que ja sabia, e que não desejaria que eu lh'as contasse, e outras, que ignora. Deixando toda a correspondencia do Sr. *João Fernandes*, pois que não me faço carga de defender-me de insultos que me dirige; passarei á hum periodo della, que me servirá de thema para melhor explicar a minha ironia transcripta na *Ortiga* n. 12....: » quando se trata de pôr á prova o patriotismo para desafrontar nossa Patria (attenção!) da perfida aleivosia desses civilizados da Europa, com gosto nos ligamos com hum D. *Felippe Camarão* e seo Batalhão de Indios, ou *Botocudos*, ou o que quer que sejam; com hum *Henrique Dias* e seo Batalhão de

negros. Foi ligando-nos com estes e com todas as classes da população Brasileira, que repellimos do Rio, de Pernambuco, e Maranhão os piratas francezes &c. Foi com elles, que fizemos, a nossa independencia; que reduzimos á submissão os soldados estrangeiros do Campo de Santa Anna; tem sido sempre com elles, que temos estabelecido a ordem em nossas Provincias. E ha de ser com elles que nos haremos de achar em todos os nossos trabalhos e afflicções &c.

Eu deo entender, que o Sr. João Fernandes he branco, e he bom tambem que elle fiquo sabendo que eu sou mulato, nascido no Brasil, neto, e filho de Brasileiros; e todos desprezeis, como eu, porque serão muitos illustrados! Mais abaixo eu explicarei esta fraze. Quando o Sr. João Fernandes diz: «Foi ligando-nos com estes» dá á entender que não estavam ligados, e que só se ligarão para desafrontar a sua Patria, servindo-se do negro Henrique Dias e de seo Batalhão, assim como de D. Felipe Camarão e seos caboclos, e mulatos, que tanto quer dizer o que quer que seão, e que depois se separarão, como dantes, e cada hum continuou á fazer vida á parte, á pesar dos relevantes serviços. «Foi com elles que fizemos a nossa independencia» Ergo elles não fazião parte de nós; e como queriamos ser independentes, servimo-nos delles para fazermos a nossa independencia: com elles temos restabelecido a ordem; ergo não fazem parte de nós, são nossos instrumentos. E ha de ser com elles que nos haremos de achar em todos os nossos trabalhos!! Ergo não fazem parte de nós, elles não são nós, e nós nos nossos trabalhos, e só nos nossos trabalhos e afflicções nos haremos com elles!! Ora bravo, Sr. João Fernandes! He justamente disso que se queixão os homens de côr; de se terem em todas as épocas, desde que ha Brasil, ligado aos brancos, como

seos paes, e irmãos para os defender assim dos inimigos externos e internos; de terem exposto suas vidas ora resgatando a Patria commum das mãos dos estrangeiros; ora pugnando por sua independencia, ora sufocando a anarchia, que tem sido sempre, sempre, e sempre provocada pelos brancos que delles se servem até para isto: e que resgatada a patria, feita a independencia, sufocada a anarchia, elles recebão em troco disto, desprezo, baldões, e o simulado e afrontoso recio de sua liga com escravos para massacrar seos paes, irmãos, e mesmo filhos!

No tempo d'El Rei D. João VI hum Medico, e hum Muzico não poderão pertencer á Camara porque crão muito escuros: nessa mesma epoca foi apresentado ao governo huma memoria celebre, de que extrahimos os seguintes pedaços, na qual se propõe com o mais manhoso artificio o meio de aquillar politicamente a gente de côr. Esta memoria original, á pesar de conter segredos de Gabinete, não sei porque arte do diabo, assim como outros documentos analogos, pára em minha mão. Da sua leitura, e da de tantos outros celebres escriptos tendentes todos á nullificar esses miseraveis bastardos; da observação dos factos, particularmente da abdicação para cá, he que tirei razão para cheio de despeito fazer aquella correspondencia. Vamos á alguns pedacinhos da memoria secreta, que podemos confiar á sua descripção, Sr. Editor, para mostrar ao Sr. João Fernandes, caso elle duvide da sua existencia, sob a condição de não sahir de suas mãos. «... quando se organizar a tropa, (diz a memoria) não se deve lançar nella homens das ditas tres differentes cores; não he menos preciso occorrer desde logo ao perigo, que ameaça o metter as armas nas mãos de huns homens, dos quaes se não deve confiadamente esperar (tome seatido Sr. J. F!) que não se conspirem hum dia confiados na superiori-

dade de seo grande numero contra aquelles, que deste modo as levárão á fileira de seos companheiros d'armas.

• Os homens de côr preta são pela maior parte brancos, e todos de hum character rebelde, e vingativo ao extremo ultimo (o bons para a liga do Sr. J. F.). Os homens de côr parda são pela maior parte muito engenhosos e todos vaidosos e altivos. Os homens de côr branca, todos elles *persuadidos* de serem por differença de côr superiores pelo imperio da Natureza aos daquellas duas ditas differentes cores, em huma palavra, o mesmo homem sabio sim classifica a todos das mencionadas tres cores no mesmo genero, mas distingue-os na variedade. Avanzo pois a proposição que jamais virão tempos, em que os homens destas tres differentes cores se olhem e amem, como huma mesma familia. • Ah! se o pobre *Americus* discesse isto? Mas he hum homem branco, que o diz em sua consciencia! Este está bgn para a Liga. • Accresce de mais que os de côr parda considerão-se como filhos do paiz, e por consequencia olhão os brancos vindos de Portugal, como estrangeiros, meramente transplantados pelo direito da força.

• Sendo pois de absoluta necessidade compor a força armada de homens brancos, pardos, e pretos; homens, torno á dizer, rivaes huns dos outros pela poderosa força das differentes opiniões, que os senhoreão; fica evidente a outra precisão indispensavel, que ha, de que sendo a classe dos homens brancos aquella, em que o Estado deve baseficar toda a confiança de segura defensa interna e externa do paiz (voila un petit joli moreccau pour la ligne-americainne)! esta classe seja a mais preponderante em seus effeitos sobre a maior força em numero das duas outras.

• Devo ser defendida a mistura de cores em o mesmo Batalhão. Nos Batalhões de homens brancos, não deve ser admittido homem algum de diffe-

rente cor, excepto para tambor ou pifano; os quaes nestes serão *percisamente* homens de cor parda. Nos batalhões de homens de côr parda, todos os Officiaes de Patente e officiaes inferiores até cabos de Esquadra inclusive serão homens de côr branca; e os tambores e Pifanos homens de côr preta. Nos Batalhões de homens de côr preta os Officiaes de Patente serão homens brancos, e os Officiaes inferiores até cabos de Esquadra inclusive, serão homens pardos.

• Aquella outra razão, que me obriga á selecção das cores he, que deste modo não somente se evita *aquelle* desgosto e natural repugnancia, com que os homens de cor branca servem, vendo-se de mistura (ligados) na mesma fileira com aquelles que serão escravidos de seos avós, paes ou parentes; mas tambem se consegue fazer reviver aquelle antigo respeito, que os homens de cor parda e preta prestarão á classe dos brancos: (tanta gente suspira por isto... Que pena, Sr. João F. ! se he que V. m. não he daquelles de que Victor Hugo falla no seo Bong-Jargal.... entende?...) respeito este, que tanto mais delle nos apartamos, tanto mais nos aproximaremos á aquella perigosa maxima de igualdade com que os freneticos philosophos buscáram aniquilar totalmente as sociedades civilizadas.

• Talvez me obstem dizendo, que eu busco evitar hum mal contingente por hum principio bem capaz de o realizar; pois que he de prudentemente esperar-se que esta degradação da actual consideração, em que se achão os homens de cor parda e preta os leve desdo logo á tomar em vingança deste publico ultrage: ao que respondo:

• Na hypothese de que he vantajosa esta dita classificação de côres, como tambem que a segura estabilidade do Paiz ser confiada á classe dos homens brancos (está de accordo com o Sr. Gonsalves Martins) então atrevo-me á

avancar a proposição, do que sem o menor receio de alguma tragica commoção se pode emprehender huma e outra ditas vantagens, usando-se do *artificio seguinte*:

• Ser determinado por lei a classificação das cores em cada parcial Batalhão *debaixo do véo, de que assim se estreita mais (se ligu) o laço da boa camaradagem, que constantemente deve haver entre os soldados de huma, mesma companhia, como entre as companhias de hum mesmo Batalhão.*

• Ser igualmente estabelecido por lei, *que S. A. R. reserva á sua real Autoridade a escolha, para todos os postos de Official de patente até ao de Alfores inclusive; á fim que os mais dignos de premio não fiquem suplantados por aquelles, que menos o merecessem, embora aconteça que as vagas não sejam naquelle ou aquelles corpos, em que servem os de maior merito.* (Já se vê que tudo isto vai feito com *artificio, e debaixo do véo*)....

• Finalmente ir pelo passo dos tempos reformando todos os Officiaes de patente tanto os de cor parda, como os de cor preta, huns *debaixo do pretexto de se acharem já em idade avançada; outros por falta de necessaria aptidão para o inteiro desempenho do exercicio dos seus cargos, e finalmente outros por falta de meios de viverem com aquella decencia, que anda annexa á nobreza dos mesmos postos.* Eis aqui as providencias, que julgo bastantemente poderosos para evitar se aquella perigosa impressão, que em todas as Nações causa toda a mudança dos seus recibidos costumes; pois que do modo, que fica dito, não só se não embatem *declaradamente*, mas até parece que mais perfeitamente se radica.

Veja, Sr. Editor, desde quando estão na forja tantos projectos de manietar os pobres homens do côr, que só sabem soffrer e calar! No reinado de D. Pedro, que foi a unica epoca, em que

respirarão ar hum pouco livre os pobres mulatos; disse-se em Conselho: • Promovão-os, promovão-os, e amanhã serão generaes, e lhes pedirão as filhas! No tempo do reinado da *philosophia, do liberalismo, da igualdade!*... oh! isso então mulato instruido, e *hay-tiano*, foi synonymo! Quemalaria em ligas em 1851, 52, 55, 54 e 55! Pergunte-se aos que dizião *nada ha, mas he preciso fazer crer que ha...* Talvez o Sr. João Fernandes conheça bem alguns destes... He de crêr, que o Sr. João Fernandes conheça alguns deputados, que fizeram parte da Assembleia Geral, em 1851 e 52, pergunte-lhes por algumas sessões secretas, que houve nessa epoca? Talvez conheça alguns ex-Ministros que dirigissem os negocios publicos em 1855 e 54, pergunte-lhes pelas correspondencias reservadas, que tiverão com as provincias de Minas e S. Paulo! Pergunte aos que governarão de 54 á 55, o que fizeram dos recrutas, que vierão de Minas, e a razão porque não assentarão praça, senão os que se parecião com o Sr. João Fernandes? Pergunte ao primeiro Presidente do Rio de Janeiro o que fez elle durante o tempo, que administrou a provincia; que bella liga, que elle fez! Pergunte á certo ex-Ministro, que assignou huma portaria que começa: • Constando ao Governo que se projecta huma insurreição de gente de cor... (então, Sr. João Fernandes!) *insurreição de gente de côr!!* apage insolentes! e datada de 21 de Dezembro de 1855!!! Pergunte-lhe se assim he que se faz *liga*. Sr. João Fernandes, os êntes despresiveis, como eu, se têm dado ao trabalho de folhear desde o § IX da lei da Pragmatica até á esta celebre portaria quantos alfarabios ha para saber dos tramas, e perfidias, que se tem feito aos homens mais sinceros, que existem: tenho em minha mão muitos documentos e até originaes, que talvez publicados em des-

forço dos insultos, que me possa con-
tinuar á emprestar o Sr. João Fernan-
des, muito se arrependa de discutir do
modo, que discutio, fazendo reflexões
sobre minha carta! Eu deixarei de
parte as calumnias emprestadas á pa-
triotas puros, á honestos, e honrados
homens de côr para os tornar ridiculos,
e desprezíveis aos olhos de seus com-
patriotas, até mesmo aos de sua cor;
eu deixarei de parte a confecção da lei,
que organisou a Guarda Nacional, ex-
cluindo os cidadãos libertos de ser offi-
ciaes, embora possam ser generaes, e
por tanto commandantes da Guarda
Nacional, á despeito da Constituição,
que excluindo-os de ser Eleitores, De-
putados e Senadores, não os privou de
ser Dezembargadores, Membros do Su-
premo Tribunal de Justiça, Ministros
d'Estado, Embaixadores, Bispos &c. Eu
deixarei de parte a exclusão, que delles
se fez de ser Jurados, embora sejam
Baixareis formados ou Medicos: mes-
mo desprezarei o que disse certo ex-
Ministro da Guerra de recente data,
á quem fallava certo Brasileiro honra-
do, instruido, e eminentemente patrio-
ta e livre da mais leve sombra de sus-
peita de ter algum pedaço d'Africa; á
favor de hum mulato: «Meo amigo
disse elle, esse homem tem muito me-
recimento, eu reconheço; mas eu tenho
grande repugnancia em ellevar essa gente
para cima; estou prompto, para o que
quizer de mim, mas isso, não.» Não
me importarei mesmo com o dito de
outro Ministro que disse; que cortada
tivesse elle a mão, quando assignasse
hum Decreto nomeando hum mulato
para qualquer emprego. Isto tudo não
valle nada, apenas serve para fazer
liga.

Vamos á alguns factos publicos de
que já se não lembra o Sr. João Fer-
nandes, para fazer-lhe vêr desde quan-
do se procura fazer liga com a gente
de cor, ou as fezes do Brasil (esta ex-
pressão não he minha, o Sr. João

Fernandes a terá ouvida muitas va-
zes, se he que não terão tido receio
de pronuncia-la diante d'elle) Em 1821
imprimirão-se humas Instrucções para
as Cortes de Lisboa, assignadas por
humma maioria de pessoas nascidas no
Brasil, e por tanto boas para liga, nas
quaes se encontra este art. 5.º: «Que
as Cortes da Nação na Redacção do
Codigo Civil e Criminal tenham muito
em vistas *modificar-a*, segundo a diver-
sidade de circumstancias do clima e es-
tado da povoação, composta no Bra-
sil de *classes de diversas cores*, e pes-
soas *humas livres*, e outras *escravas*,
pois estas considerações e circumstan-
cias exigem *humma legislação civil par-
ticular*» Em hum officio do Sr. Manoel
Zeferino dos Santos de Pernambuco,
datado de 22 de Julho de 1852, elio
diz: «Quando os habitantes passifcos
e que tem á perder, procurão ser es-
quecidos e fogem de ajuntamentos po-
pulares, a escolha dos officiaes feita
pelos guardas nacionaes recahio pela
môr parte em *individuos d'aquella clas-
se que lisongea o povo...*» Sua Ex. com
sua reticencia sobre a classe, que li-
songea o povo, dá á entender que falla
da gente, que não he branca; e se mi-
nha intelligencia he errada, veja-se o
que elle diz em outro artigo. «O povo
do Brasil he composto de *classes hete-
rogeneas*, e de balde as Leis intentem
mistural-as, e *confundil-as* (que bom
pedaço para a Liga!!..) sempre algu-
ma hade procurar e tender á *separar-se
das outras* (mais liga!); e eis hum
motivo mais para a eleição nas *classes
mais numerosas*.» Ora, eu supplico ao
Sr. João Fernandes que diga franca-
mente se este officio do Sr. Manoel
Zeferino une mais os brasileiros, do
que a minha despeitosa ironia? Diga
se este ex-Presidente he ou não hum
furioso anarchista? Foi estabelecendo
a Constituição, que por fortuna, sahio
da Mão do Immortal D. Pedro I. «
que são Cidadãos Brasileiros os nascidos

no Brasil quer sejam ingenuos ou libertos; que a Lei he igual para todos; que todos os Cidadãos são aptos para occupar os diversos cargos da Nação, quer civis, politicos ou militares sem outra differença, que não seja a dos talentos e virtudes: e á tudo isto chama de balde o Sr. Zeserino? Porque não rebatteo o Sr. João Fernandes este officio, quando elle appareceo na *Verdade*? Que! nesse tempo!... Qual liga, nem pera liga!....

Todas estas violações de direito escripto, todas estas tentativas não tem feito mais, do que estabelecer as desconfianças entre os Cidadãos das diversas castas, que povoão o Brasil, e occasionar o contrario do que procura o Sr. J. Fernandes evitar. Hoje nada se pode fazer no Brasil sem o concurso de todos os cidadãos, de que se compõe a sua população: nenhuma classe pode precindir da outra sem erro e inconvenientes; nenhuma tem o direito de dominar a outra, por que de todas sahem homens, que estão no cazo do art. 179 § 14 da Constituição; esta terra he nossa; todos nascemos nella, e temos sobre ella igual direito; ella tem sido por nós todos defendida e protegida, e o será sempre, e nenhum de nós tem o direito de se arrogar a supremacia, senão nos cazos do artigo ácima citado.

Em 1852, depois da sedição militar da Ilha das Cobras, a qual foi dirigida, e commandada pelos officiaes dos corpos; forão os Soldados todos homens de côr, excepto hum, que depois mandou-se buscar, por ter ido por engano, para Ilha de Fernando esperar lá o processo (Relatorio do Ministro da Marinha o Sr. Torres). Nessa mesma epoca hum ordem do Ministro da Guerra ao Presidente de Pernambuco diz: « A Regência em Nome do Imperador louva á V. Ex. a medida que tomou á cerca dos Soldados revoltosos, e manda que aquelles, que se não poderem

provar criminosos, sejam degradados para a Ilha de Fernando (Estes devem vir para a Liga!)

Em 1835 contra a expressa constituição que diz: « No cazo de rebelião declarada, e correndo a patria perigo eminente, e pedindo o bem do Estado; &c. poderá o Governo (e hoje as Assembleas Provinciales no intervallo das Sessões do Corpo Legislativo) suspender algumas das formalidades que garantem a liberdade individual &c. » suspendeo a Assembléa do Rio de Janeiro as garantias para prender os negros, que se devião levantar contra o Sr. Torres, e Viannas de Campos! Suspender garantias para amarrar escravos! Escravos com garantias! Forte farça mal representada.... e tudo isto para se aviltar certos nomes puros, e que nada tem, que os manche, senão esse accidente miseravel que cobre tantas virtudes! Essa mesma Assembléa creou hum escola normal, e legislou que nella, se não matriculassem pretos, contra a expressa determinação da Constituição no Art. 6, § 1; art. 179. § 14, e 32 e 33 que garantem a instrução publica.

Em 1835, o Sr. João Taylor escreve do Pará ao Governo neste sentido (Agosto 18 de 1835) « A guerra não era o rezultado de paixões desordenadas, nem de principios politicos, seu unico fim era acabar com a casta branca no Pará: (e comtudo Vinagre e Angelim são brancos, e brancos o Bispo, e o Malcher, e outros reos) he certo que se no Brasil se tivesse seguido este systema (o de fuzilar) a revolução do Pará e outras, não terião apparecido. Tropa, tropa, munições de guerra e de bocca se tornão indispensaveis; ao contrario o Pará deixará de ser Provincia do Brasil, e a America terá em seu continente hum novo Haity!! Até hum insolente inglez vem insultar os homens que julga cabras, por não serem da sua côr!! Agosto 17 de

1835. « Tudo quanto ho branco ho victima:.... e por isso torno á repeli-lo, salvo-se o Pará, *salvem-se os brancos, que ainda nelle existem!*) Quaes quer mulatos ou pretos ou caboucos, que amassem a ordem, e quizessem guarida, não se lhes daria!!) e se V. Ex. não annuir á isto, toremos de vôr no continente americano *hum novo Haity*, e perecerão á mingoa aquelles brancos, que do negro cutello só escaparem! » Tanta injuria não se pode soffrer!.. Porque não gritou o Sr. João Fernandes com o Taylor! Ah! nessa época outros erão os interesses...

Corveta Elisa, Tejo 23 de outubro de 1835, Izidorio Francisco Guimarães (contradição). No 1.º de Junho fiz-me á vella e fui ancorar em frente da Cidade (Pará). Fui *optimamente recebido pelo governo rebelde*, que me mandou fazer todos os offerecimentos, e assegurar-me que os subditos de S. M. F. e suas propriedades *serião sempre respeitados*. Huma grande parte dos Portuguezes tinham abandonado as suas cazas; huns achavão se á bordo da esquadra brasileira; e a maior parte delles nos Navios de Commercio das differentes nações; confiados na protecção da Corveta e vendo á *mancira obsequiosa com que eu era tratado pelo governo rebelde*, recolherão-se ás suas cazas, e nem hum só delles foi incommodado em rouza alguma, durante o governo rebelde. «... e a maior parte dos Portuguezes e Brasileiros achavão-se todos no mar, sem se atreverem á ir á terra, pois que a canalha se mostrava cada vez mais desenfreada. Com tudo, nem hum só Portuguez foi insultado... ». E com tudo este mesmo Commandante em outro officio, e em algumas passagens deste mesmo diz: « do 1822 á 1835 os Brasileiros, e a gente de côr (estes não são Brasileiros) tem assassinado para mais do 800 Portuguezes no Pará! »

Em 1837 operou-se a Rebelião da

Bahia, de que fez parte gente de todas as cores; entretanto o furor dos legalistas na reacção pareceo cevar-se de preferencia no sangue dos mulatos e pretos, os quaes já cansados de matar, mesmo vivos arremecavão ao incendio das casas, que queimáráo: e aos que escapáráo, encaixáráo no art. 113 e 114 do Cod go eriminal, como *chefes da insurreição de escravos* só com o fim unico de lhes dar a morte, visto que cõsiderando-os rebeldes ou sediciosos, não tinham esta pena!...

Neste mesmo anno interpellado na Camara dos Deputados o General Andrêa pelas surras de bacalhão dadas em homens livres, respondeo á minha vista « *que erão homens de cor!!* » como que a liberdade não pode achar assento em homens de côr?...

Ainda neste mesmo anno, discutindo-se sobre engajamento de força estrangeira (pela qual talvez volasse o Sr. João Fernandes, a pesar de seo a ferro á liga), disse o Sr. Gonsalves Martins: « Sendo a sua opinião dominante hoje, a introdução de bastantes homens de certa classe no Brasil, vê-se obrigado, á rebatter todas as proposições, que tendão á excitar odios e paixões contra estrangeiro (Viva o Sr. Gonsalves Martins, qual liga, nem pera liga! Venha para cá, que o espera o Sr. João Fernandes, que dormia a somno solto, quando V. S. ou Ex. solto, estas blasfemias contra a liga e por isso nada dizendo, guardou-se para chamar agora ao desprezível Americus emissario de Piratinim! Venha, Sr. Gonsalves, o faremos liga contra os que não querem estrangeiros; e então gritaremos: Qual liga, nem pera liga! »

Desde o anno passado, em que se appoz ao engajamento de estrangeiros, grande mudança soffreo a sua opinião, em consequencia dos acontecimentos decorridos na Bahia. Os perigos, á que aquella Provincia esteve exposta, o receio, em que estiverão e podem

estar as famílias, que tem que perder (menos o Sr. Rebouças, que he hum proletrario) o convencerão da necessidade desta medida, que he applaudida pela Provincia inteira. » Que vontade tive de chamar ao Sr. João Fernandes emissario dos Rebeldes, ou haytianos da Bahia por estar em opposição com o Sr. Gonsalves Martins!... Mas em fim eu prometti não argumentar, como elle.... não ha remedio senão calar-me, e ir com o meo Gonsalves para diante.

» Muitos argumentos tirados de outros paizes lhe parecem inapplicaveis ao Brasil, onde não ha povo, ou não existe quasi a classe, donde se tirão os recrutas em todas as Nações. A classe que convinha exercitar no manejo das armas, quasi sempre tem bastantes meios para se reunir do recrutamento o que mesmo he conveniente ao Paiz para o desenvolvimento de sua industria: resta pois a classe dos radios, que não tem industria alguma, classe que he conhecida e que o orador deixa á Camara (e o *Americus* aos pios leitores) julgar se convém que seja unica exercida nas armas. » Porque nada disse o Sr. João Fernandes quando o meo amigo o Sr. Gonsalves emitio esta opinião de profundo estadista? Então os interesses erão outros! Ora, Mr. Jean, allez-vous armer, entendez-vous!

Eis aqui humia serie de factos e de razões, de que estava possuido, quando escrevi a minha carta inserta na *Ortiga* n. 12, que me obrigarão á aquella despeitoza ironia, vendo que as boas intuições dos Redactores da *Liga Americana* não achão accordo em humia grande parte de Brasileiros, á quem o cego prejuizo não deixa entrever o bem do Paiz, e os meios de o conseguir. Os Redactores da *Liga* acharão no período, que se segue, extrahido de humia carta, que fez parte das viagens do Conde de Sterleski ao Brasil, as melhores intuições do *Americus*, que

he o mesmo autor da carta; verão se elle he hum desprezivel, e degenerado Brasileiro ou chifoneiro de Paris. » Se os que sustentão este principio (o da exclusão dos homens de côr dos cargos publicos) e que tem bastante influencia na direcção dos negocios do Brasil, não estimassem mais provocar os homens de côr, scrir-lhes o amor proprio e procurar assim perder aquelles dentre elles, que se podem considerar a sua flor; elles terião obrado differentemente, chamando-os para tomar parte na causa publica conjunctamente com elles (E não quer *liga*!) Na grande maioria dos homens brancos empregados na representação nacional, e em outras funcções publicas, não se encontram muitas duzias, que excedão ao mulato Rebouças da Bahia, ex-Deputado eleito no tempo de D. Pedro I, nem em saber, nem em probidade, nem em virtudes domesticas e sociaes; e entretanto tem sido successivamente excluido desta funcção, e assim muitos outros, que se não são tanto, como elle, não lhe são muito inferiores: posto que da outra classe, apenas, largão os bancos das Escolas de direito, ainda sem nenhuma pratica dos negocios, sem nenhuma experiencia, sem nenhum conhecimento das necessidades do paiz, a caballa lança logo mão delles, e os eleva e coloca em todos os lugares publicos assim da jurisprudencia, como da representação nacional.....» Entretanto estando a riqueza nas mãos da aristocracia do paiz (a classe branca) elles (os homens de côr) não podem concorrer com esta na aquisição de conhecimentos superiores, por falta de meios para se sustentarem nas escolas nacionaes, e ainda polor nas estrangeiras, onde quasi que absolutamente não podem ir por lhes faltarem os recursos pecuniarios. Não obstante, como nós dizemos, á trancos e á barrancos elles vão indo, e sem guerra de casta, antes de muito tempo, elles entrarão em con-

curso com os outros, o acabaremos por fazer huma familia de amigos, porque o habito ordinariamente faz que achemos formoso o ente, que nos parece hediondo: o tempo! e só o tempo porá termo á estas miserias humanas.»

Parece-me que tenho respondido sufficiente ao Sr. João Fernandes sem o ferir; que tenho dado as razões da minha ironia despeitada, que tanto o incommodou, e que tenho feito crêr aos Redactores da *Liga* que elles sentem, o que eu sinto. *Feixemos os olhos, e hunamos os nossos corações: se as suas pancadas forem iguaes, se o bem e o mal do paiz obrarem sobre elles do mesmo modo, produzindo iguaes sensações; nenhuma duvida haverá que somos todos Brasileiros, que nos amamos, e que juntos e bem ligados formaremos huma massa invencivel e respeitosa, que obrigará ao insolente estrangeiro a respeitar, se quer, as nossas Fortalezas!*

Agora, Sr. Edictor, se lhe não causar fastio huma tão longa e enfadonha correspondencia, tenha a bondade de inseril-a no numero mais proximo, que se offerecer da sua folha. Son &c.

Americus.

No *Correio Official* do 1.º do corrente se publicou a nomeação do Bahiano Carlos Carneiro de Campos, para Inspector Geral do Thesouro, não obstante haver nesta mesma repartição alem de muitos officiaes praticos, e intelligentes, os Fluminenses Manoel Joaquim de Oliveira Leão — Joaquim Francisco Vianna, Emiliano Faustino Lins, e Mariz Sarmiento, que já tem exercido interinamente aquelle emprego; mas isto não foi bastante, forçoso era que a estas circumstancias reunissem as indispensaveis qualidades de serem Bahianos, e cunhados dos Srs. Ramiro, e Alves Branco!! A' vista deste, e de outros factos, poder-se-ha criminar aos que dizem, que certos *Casquinhas* quando subirão á Banca, só tiverão

em vista os interesses seus, e de seus parentes?!..

Ditosa condição, ditosa gente!...

ORTIGADAS.

— Dizem que se offerecem grandes dinheiros para se trocarem alguns sentenciados da Bahia por alguns presos do Rio Grande. Ouvindo fallar nisto o Theobaldo, e João Luciano, chefes da revolução de Minas: «disserão hum para o outro: para que semelhante troca?». Respondeo hum Catharineta, que estava escondido em hum forro: para que? VV. SS. não têm visto que huma grande parte dos presos do Rio Grande, sem julgamento, sem estarem cumprindo nenhuma sentença, sem estarem á soffrer de modo que o bem da humanidade exigisse que se lhes minorassem as penas, serão postos na rua, depois de terem commettido os mesmos crimes, que os da Bahia? Tem razão, meu collega, os fracos, como eu, soffrem muito; por isso não me admiro da conducta que se tem com huns e com outros!...

— A camara Municipal, sentindo aproximar-se a sua derradeira hora, dizem, que mandou tirar o BUSTO (ou bostejar, que he o mesmo) do cavalleiro Mello, o qual foi visto no Armazem do azeite no campo daaaa... honra!

EPIGRAMMA.

P. — O *Correio official*
Porque causa hoje morreo?

R. Por desmazelo d'aquelle,
Que mais dinheiro comeo.

ERRATA.

Na *Ortiga* n.º 13, pag 1.º, col. 2.º, linha 4 onde diz — as seus cabeças estavam passivas,, lea-se as suas cabeças estavam passivas. Pag. 3, col. 2, lin. 12 — huma escolha perigosa, — hum escolho perigoso. Pag. 4, col. 1.º lin. 54 — Elle he meaos que eu, si he mais junto — Elle he mais que eu, si he mais justo.

Na Imprensa Imparcial.